

# PERSPECTIVAS PARA A FARMÁCIA E PARA A PROFISSÃO FARMACÊUTICA

NUNO ÁLVARES PEREIRA

— Professor da Universidade Federal Fluminense (UFF)

“**C**onta-se que Xerxes, contemplando um dia o seu imenso exército, chorou com a idéia de que, ao cabo de um século, toda aquela gente estaria morta. Também eu contemplo, e choro, por efeito de igual idéia; o exército é que é outro. Não são os homens que me levam à melancolia persa, mas os remédios que os curam. Mirando os remédios vivos e eficazes, faço esta pergunta a mim mesmo: Por quê é que os remédios morrem?”

— Machado de Assis — Crônica de 1893.

“Caro Dr. Walksman: Quem imaginaria que, após termos caminhado juntos durante nossa infância pelas ruas de Kiew e Jitonia, eu viria para esse maravilhoso Brasil e o Senhor iria para a terra de Lincoln, e que um dia eu deveria minha vida ao Senhor?”

— Adolpho Bloch — 1975.

“Vivíamos numa dureza de fazer gosto. Cheguei a pegar 14 maleitas. Tinha época em que éramos cerca de 30 pessoas na mesma propriedade e nenhum de nós tinha condições de se levantar nem para buscar água para o outro. O único remédio era azul de metileno e quinino. Finalmente com a guerra da Coreia, apareceu um medicamento chamado Aralém, que erradicou a maleita. E minhas terras começaram a se valorizar”.

— Tião Maia — Empresário em entrevista para Manchete — 1981.

Três notícias de épocas diferentes relatando fatos que têm em comum o medicamento. Enquanto o escritor fica preocupado com os remédios que deixam de ser úteis para o tratamento das doenças, o jornalista demonstra sua gratidão ao pesqui-

sador que, descobrindo a estreptomomicina, possibilitou a sua cura, e o empresário vitorioso de hoje dá o testemunho de como foi importante para o seu sucesso atual a existência de um medicamento que, erradicando a malária, permitiu o progresso de seus empreendimentos.

Esses relatos poderiam se multiplicar enormemente para destacar a importância cada vez maior de medicamentos para a saúde e o bem-estar da humanidade.

O que representou para a humanidade o aparecimento da cloromicetina durante o flagelo da 2ª Guerra Mundial?

Provavelmente, devido ao êxodo das populações e as condições de higiene das cidades destruídas, morreriam mais pessoas de tifo exantemático, de febre tifóide, de pneumonia e de outras infecções causadas por germens sensíveis ao antibiótico, recentemente isolado de fungo obtido de terra venezuelana, do que as mortes provocadas diretamente pelo conflito bélico.

Será que antes da cloromicetina alguém foi curado da febre tifóide pelos medicamentos usados? Creio que não.

As curas que por ventura ocorriam depois de 30-40 dias de tratamento deveriam ser atribuídas aos cuidados médicos e às próprias defesas do paciente, enquanto a cloromicetina e outros antibióticos posteriores a ela podem debelar a doença em 2 a 3 dias.

O personagem dos fatos aqui relatados é o medicamento que é objeto principal do profissional farmacêutico.

Nem sempre o farmacêutico lidou com armas tão eficientes como as atuais, porém, muitos

medicamentos como o ópio, a digital, a ipeca, a quina, a cila, etc., que fazem parte do arsenal terapêutico há muitos séculos, embora seu emprego tenha evoluído do empirismo do passado ao baseado em dados científicos do presente.

Muitos séculos de observação e pesquisas decorreram para que um medicamento originário da papoula, o ópio, e empregado há mais de 3.500 anos, chegasse a um de seus princípios ativos, isolado pelo farmacêutico alemão Seturner, a morfina, e possibilitasse a obtenção de seus derivados sintéticos como a pentazocina e a ciclazocina, ou de seu antagonista como a naloxana, para atingir, nesses últimos anos, as modernas endorfinas, substâncias morfínicas elaboradas no organismo.

O homem vivia nos primórdios da civilização num meio hostil, sujeito às mais diversas agressões, tendo assim uma sobrevivência muito curta para que pudesse sofrer algumas das doenças que são o fruto do progresso científico e tecnológico, como as doenças degenerativas, as neuroses, as intoxicações sociais e industriais, a poluição ambiental, a alimentação artificial, etc.

A primeira preocupação do homem na permanente luta para sobreviver era a habitação e o alimento, daí seu deslocamento constante à procura de locais seguros para habitar e onde pudesse encontrar fartura de meios de subsistência. Alimentava-se principalmente de ervas, frutas, raízes, diferenciando, pelo uso, as úteis das nocivas ou tóxicas, e quando aperfeiçoou os apetrechos para a caça e a pesca, introduziu a carne no seu regime alimentar. Intuitivamente começou a distinguir

na flora, ao seu redor, aquelas plantas que serviam para a alimentação de outras capazes de sarar certos molestaes quando ingeridas ou empregadas para tratar lesões ou ferimentos, daquelas que deviam ser evitadas por serem malélicas.

Esses conhecimentos eram transmitidos de indivíduo para indivíduo, preservados pelos seus chefes ou curandeiros, constituindo uma tradição falada o emprego empírico de drogas, ainda hoje representadas na medicina folclórica, e, só mais tarde, com a criação da escrita é que essas informações se perpetuaram nos documentos hoje conhecidos.

Sabemos hoje, por alguns registros, que o ópio, a cila e a romã já eram empregados há mais de 3 mil anos, e a ipeca, a quina, o guaraná, o curare, já eram usados pelo ameríndio antes da descoberta do Novo Mundo, e que o uso da *Rawolfia serpentina* na medicina popular da Índia se perde nos tempos, assim como a *Ephedra vulgaris* na China.

As viagens, as descobertas de novos Continentes com seus povos e costumes e as explorações dessas novas terras fizeram com que a Humanidade reunisse um sem número de informações acerca da cultura, hábitos e tradições que serviram para enriquecer o conhecimento do homem, sendo uma preocupação geral o destaque dos recursos naturais empregados para o tratamento das doenças, como fizeram Dioscorides, Gabriel Soares de Souza, Garcia d'Orta, Marcgraf, Piso, Caminhoá, Martius e Chernoviz, entre outros.

Antes de Paracelso, a maioria dos medicamentos eram de origem vegetal: folhas, flores, cascas, raízes, sementes, frutos, resinas, essências, sumos, sendo depois incluídos o mercúrio, o iodo, o bismuto, o arsênico, o antimônio, etc.

A curiosidade inata do homem levou-o a pesquisar os princípios ativos nas drogas que empregava com sucesso, e

assim foram isoladas a estriquina, a morfina, a papaverina, a quinina, a atropina, a nicotina, a aconitina, a emetina, a cafeína, a digitoxina, etc., que passaram a enriquecer o arsenal terapêutico ao lado das drogas donde se originaram.

Com o desenvolvimento da Farmacologia, a intimidade da atuação dos medicamentos no organismo possibilitou conclusões acerca da relação entre a estrutura química e o mecanismo de ação, e, assim, a Química pôde tentar a obtenção de derivados farmacologicamente ativos, dando origem à Quimioterapia com as novas substâncias sintéticas ou semi-sintéticas capazes de atuar eletricamente no organismo ou contra o agente responsável pela doença.

O progresso científico na área da saúde e os novos conhecimentos tecnológicos foram gradualmente enriquecendo o arsenal terapêutico, exigindo um profissional preparado para lidar com os medicamentos cada vez mais sofisticados no seu preparo, controle, conservação e aplicação.

Os conhecimentos na arte de curar e o preparo dos medicamentos exigiram que o chefe da tribo, o pagé, o curandeiro, o alquimista, se diferenciasssem nas pessoas do Médico e do Farmacêutico, e a disciplina de matéria médica fosse desdobrada nas modernas Farmacodinâmica, Farmacognosia, Química de Medicamentos, Tecnologia Farmacêutica e Controle de Medicamentos.

Assim o Farmacêutico assumiu uma responsabilidade cada vez maior na produção dos medicamentos de que a Humanidade precisa para combater suas doenças. Inicialmente, ele mesmo, colhendo, conservando, preparando as diversas formas e fórmulas farmacêuticas de fitoterápicos, ou preparando alguns derivados minerais manipulados na sua própria botica ou pequena oficina.

Com o aumento do número de drogas, a descoberta de novos

medicamentos e o aumento no volume fabricado, houve necessidade de criar seção ou anexo ao antigo estabelecimento comercial farmacêutico, e, posteriormente uma verdadeira diversificação com a origem da Indústria Farmacêutica e da Indústria Químico-Farmacêutica. As modernas indústrias farmacêuticas, tanto fora do Brasil, como a Merck, Eli Lilly, Sharp-Dohme, Parke Davis, Sydney Ross, ou no Brasil, como Granada, Fontoura, Silva Araújo, Moura Brasil entre outros, tiveram sua origem numa botica. Esse desenvolvimento começou a exigir um profissional cada vez melhor preparado para suas necessidades de produção e controle.

O Farmacêutico que já possuía uma tradicional intimidade com os medicamentos desde os tempos em que os conhecimentos botânicos, farmacognósticos, químicos e galênicos eram imprescindíveis, teve que se adaptar às modernas exigências para um profissional dedicado à produção de medicamentos.

O seu currículo universitário foi modificado para que adquirisse novos conhecimentos sobre controle, produção, planejamento e pesquisa de medicamentos, exigindo conhecimentos de Farmacologia, Biofarmácia, Bioquímica, Biofísica, Microbiologia, Biologia, Fitoquímica, etc., para poder acompanhar a evolução e as necessidades da moderna Indústria Farmacêutica.

Embora a existência da profissão farmacêutica seja, no Brasil, uma das mais antigas entre os profissionais da saúde, ela comemora este ano o seu sesquicentenário.

A instituição do Ensino da Farmácia no Brasil foi conseqüente à Lei de 3 de outubro de 1832, da Regência em nome do Imperador D. Pedro II, dando nova organização às Academias Médico-Cirúrgicas das cidades do Rio de Janeiro e Bahia.

Antes o exercício da botica era autorizado após exame de conhecimentos e somente em

1837 foram diplomados, pelo curso de Farmácia da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, os primeiros farmacêuticos. Dois destes diplomados, Manuel José Cabral e Calixto José Arieira, foram fundadores, em 1839, do primeiro estabelecimento autônomo de ensino Farmacêutico no Brasil, a centenária Escola de Farmácia de Ouro Preto.

A Lei de 3 de outubro de 1832 foi resultado de uma série de sugestões e contribuição sobre o assunto, destacando-se a apresentada à Câmara dos Senhores Deputados pela Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, em outubro de 1830.

A Lei de 3 de outubro de 1832, no seu 1º artigo, substituiu as denominações das Academias Médico-Cirúrgicas do Rio de Janeiro e da Bahia, para Escola ou Faculdade de Medicina.

No seu artigo 11º estabelece: "As Faculdades concederão os títulos seguintes: 1º — Doutor em Medicina, 2º — Farmacêutico e 3º — Parteira. Da publicação dessa Lei em diante não se concederá mais o título de sangrador".

O artigo 14º trata da maneira da regularização dos títulos obtidos no estrangeiro dos Médicos, Cirurgiões e Boticários e, somente mais tarde, por ato de 29 de julho de 1835, é que são baixadas normas para o provimento dos que já exerciam atividade na botica, embora não diplomados, mas autorizados por dispositivos anteriores à direção de boticas.

Para que se tenha uma idéia da evolução do ensino da Farmácia e da filosofia dominante à época vejamos o que dizia o artigo 18º da referida Lei: Art. 18º — As matérias do Curso Farmacêutico serão distribuídas em três anos da maneira seguinte:

1º ano — Duas Cadeiras: 1ª — Física Médica; 2ª — Botânica Médica e Princípios elementares de zoologia (1ª parte);

2º ano — Duas Cadeiras: 1ª — Botânica Médica e Princípios

elementares de zoologia (2ª parte); 2ª — Química Médica e Princípios elementares de mineralogia (1ª parte);

3º ano — Duas Cadeiras: 1ª — Química Médica e Princípios elementares de Mineralogia (2ª parte); 2ª — Matéria Médica, especialmente a brasileira, Farmácia e arte de formular".

"Durante os mesmos, ou outros três anos, deverão, os que seguirem este Curso, praticar na botica de um boticário aprovado; só depois desta prática e do curso obterão o título competente."

Nestes 150 anos de existência oficial, a Farmácia tem lutado para bem se situar no âmbito das demais profissões da Saúde. A evolução do ensino vem se adaptando às exigências do mercado de trabalho, ao desenvolvimento industrial, tanto no setor Farmacêutico como Químico-Farmacêutico e à evolução da Legislação Sanitária. São metas conseguidas com o esforço e lutas dos nossos colegas que nos antecederam.

A Associação Brasileira de Farmacêuticos, fundada em 1916, por um grupo de colegas abnegados, congregou os batalhadores para que fossem atingidas as metas necessárias para uma melhor qualificação do profissional Farmacêutico. Assim, a adoção da Farmacopéia Brasileira elaborada por seu Presidente, o Prof. Rodolfo Albino Dias da Silva a reforma do ensino, a criação do sindicato profissional e a instituição dos Conselhos Federal e Regionais de Farmácia em substituição à idéia primitiva da Ordem dos Farmacêuticos, do saudoso colega Brandão Gomes, são algumas vitórias obtidas graças aos esforços de todos.

Devido às particularidades da profissão eram constatados vá-

rios atritos, quanto ao campo profissional, com outras atividades dos profissionais universitários tanto da área de Saúde, como da área Tecnológica. O bom senso permitiu o estabelecimento em lei do âmbito profissional do farmacêutico e, assim, as dúvidas sobre as atribuições profissionais, privativas ou não, podem melhor ser estabelecidas.

A melhoria do ensino de graduação, a instituição de cursos de pós-graduação e a prestação de serviços, permitirão entregar à sociedade um aluno cada vez melhor preparado para as tarefas destinadas ao Profissional Farmacêutico no seu campo de atribuição.

A pesquisa, a produção, o planejamento, o controle e fiscalização dos medicamentos, a colaboração na área da saúde pública, os diagnósticos laboratoriais das doenças, a fiscalização e produção de alimentos são atividades do farmacêutico, concorrendo para a melhoria da situação sanitária da comunidade brasileira, colaborando com a economia do País e possibilitando uma relativa independência científica e industrial na área dos medicamentos, elemento indispensável na mão do médico para um melhor sucesso no combate às doenças, na prevenção das endemias e na melhoria sanitária do homem brasileiro.

Nas várias medidas adotadas pelas autoridades do governo brasileiro, principalmente no Ministério da Saúde, pode ser constatado que ao farmacêutico estão reservadas tarefas importantes, tanto no campo da pesquisa como no da produção e controle de medicamentos.

Cabe a nós, professores e alunos, atendermos a este chamado para que as metas almejadas sejam mais rapidamente atingidas.

Farmacêutico, o futuro está na valorização profissional.